

Machado de Assis, a crítica e o jornalismo: o papel do jornal segundo a crítica machadiana¹

Leandro de Oliveira LOPES²
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

Resumo

O artigo traça um breve panorama da relação existente entre jornalismo e literatura, pondo em destaque a importância de a crítica machadiana ser considerada, analiticamente, pelo meio jornalístico. Traz um ligeiro perfil do crítico Machado de Assis e evidencia através da apresentação e análise de passagens de *O jornal e o livro* (1859a) e *A reforma pelo jornal* (1859b), dois de seus primeiros textos críticos, a visão do jovem Machado a respeito do papel do jornal, colocando-a, por fim, em paralelo com o que o crítico concluiu, no momento de sua juventude, em relação ao embate jornal *versus* livro.

Palavras-chave: crítica machadiana; papel do jornal; jornalismo; Machado de Assis.

O jornalismo no encontro com a literatura

Tanto o jornalista quanto o escritor ficcional se utilizam da mesma ferramenta de trabalho, a palavra, e suas missões convergem, também, em contar histórias. Ainda que o primeiro seja norteado teórica e exclusivamente pelo factual e o segundo por imaginação e capacidade criativa, jornalismo e literatura misturaram-se diversas vezes ao longo dos tempos.

João do Rio³, jornalista e escritor, já se perguntava, em 1904: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (VANZELLA, 2006). A relação, benéfica ou não, movimenta as redações brasileiras desde, pelo menos, os séculos XVIII e XIX, “quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público” (PENA, 2007, 47). A união dos dois estilos, como benefício aos donos de jornais, “proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição dos preços, o que aumentava o número de leitores” (PENA, 2007, Pág. 48). Já os profissionais de letras, em contrapartida, conquistavam notoriedade e elevavam seus nomes na medida em que os textos eram publicados na imprensa. A mistura entre os dois discursos, entretanto, não pode ser resumida só na atuação de mercado. “O

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista graduado pelo Centro Universitário FIAM-FAAM e Mestrando do Curso de Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, email: leandro.lobes@ufscar.br.

³ João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, de pseudônimo João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Nascido no Rio de Janeiro, em 1881, é considerado, graças a grande popularidade de seus textos nos jornais da época, o maior jornalista de seu tempo. Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 01 julho 2015

termo jornalismo literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado” (PENA, 2007, Pág. 55). Há os que o caracterizam, por exemplo, além do referido momento nos séculos XVIII e XIX, como a publicação de resenhas literárias em jornais. Outros defendem que significa a união, em texto, de ferramentas literárias aliadas ao jornalismo comum. À outros, nem o primeiro nem o segundo, mas crítica de obras literárias veiculadas em jornais⁴.

Machado de Assis, mesmo em sua juventude, foi destes homens que, utilizando-se da imprensa, fez propagar suas primeiras ideias através do jornal. “Escrevendo semanalmente para os jornais, Machado de Assis estreitou o foco da observação e análise crítica de seu tempo, conforme lhe exigia a natureza das crônicas da semana” (GRANJA, 2009,). Fez, numa ligação de um e outro, algo que para o jornalismo significou mais do que união em texto, crítica literária ou publicação de resenhas; significou reflexão. “Ao longo de tantos anos, acreditou na Literatura e na crítica literária com função pedagógica e moralizadora, é natural que seu jornalismo apareça como espaço privilegiado” (GRANJA, 2009, p. 77).

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, [...] Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveriam exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam. (ASSIS, 1873)

A crítica, como se vê, era determinante. Que se introduza ao jornalismo, então, para vê-lo caminhar e desenvolver, a crítica machadiana a respeito de seu papel.

O crítico Machado de Assis

Ressurreição, primeiro romance de Machado, é de 1872. *Crisálidas*, primeiro livro de poesia, de 1864⁵. Seus textos críticos, que se veem em jornais tais como *A marmota*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil*, *O Cruzeiro*, *Gazeta de Notícias* e tantos outros⁶, estreiam, de acordo com os registros atuais com os quais contamos, em 1858.

⁴ PENA, 2007, p. 55

⁵ Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 20 junho 2015.

⁶ Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 20 junho 2015.

Anterior ao estabelecimento do Machado de Assis autor, portanto, tem-se acesso ao crítico⁷. E se do autor, consagradíssimo, muito se fala, comparativamente é possível afirmar que pouco espaço se dedica ao outro. E isso, mesmo embora o estudo minucioso de sua crítica colabore, também e principalmente, para o entendimento de sua obra literária. O homem Machado de Assis, acima de seus preceitos artísticos, tinha consigo um compromisso de intervenção, e nisso via a crítica como principal aliada.

Estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, - será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, - essas três chagas da crítica de hoje, - ponde no lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, - e só assim que teremos uma grande literatura. (ASSIS, 1865)

Neste contexto, a leitura do Machado crítico deve se dar com ciência do caráter transformador e, de certa forma, orientador, com o qual ele pretendia trabalhar. Machado de Assis, quando visto de perto, é um ser em constante compromisso com a mudança, com a evolução; a evolução por meio do conhecimento, a evolução das luzes. Reconheça-se daí, a França e a Revolução Francesa⁸ - a biblioteca pessoal de Machado, que hoje se encontra arquivada e administrada pela Academia Brasileira de Letras, é exemplo da forte influência francesa em seu discurso; o acervo, predominantemente composto por obras daquele idioma, certamente ajudou a formar o poderio intelectual do jovem, que, não se sabe ao certo como, mas a despeito de sua condição social e raça, foi facundo e educado, de muito boa inserção cultural⁹ e, como se disse, muito influenciado pelos pensamentos vindos da "rainha da Europa", do "povo mais democrático do mundo", e daquela "explosão do pensamento humano" (ASSIS, 1859a).

⁷ O registro de publicação mais antigo de Machado foi descoberto recentemente pelo Professor Dr. Wilton José Marques, da Universidade Federal de São Carlos, e data de 9 de setembro de 1856, no jornal *Correio Mercantil*. Na ocasião, como se verá na nota de rodapé número 9, Machado publica poema intitulado "O Grito do Ipiranga"; é claro que a composição total do autor Machado de Assis, como a concebemos, não se verá no referido poema. É por esta causa este estudo atribui o contato inicial com sua atuação enquanto crítico.

⁸ É possível notar a influência da Revolução Francesa no discurso crítico de Machado de Assis. Muito embora sua relação vá além das citações diretas que faz da Revolução, há trecho, em *O jornal e o livro*, que torna explícito este contato. "É a época das regenerações. A Revolução Francesa, o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de Jocelyn, foi o passo da humanidade para entrar neste século" (ASSIS, 1859a).

⁹ Filho do operário Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis, Machado, nascido em 21 de junho de 1839 (uma sociedade, portanto, escravocrata), era negro e de poucos recursos e, mesmo assim, como exemplifica o texto recém descoberto pelo Professor Dr. Wilton José Marques, da Universidade Federal de São Carlos, no qual o crítico assina, no *Correio Mercantil*, aos 17 anos, poema intitulado *O Grito do Ipiranga*, tinha, ainda moço, algum espaço no cenário cultural além de, referenciamnte, grande repertório intelectual; os aspectos textuais do poema, se pouco colaboram para que se enxergue o Machado crítico, republicano - e bem pudera, tamanha mocidade - ao menos fazem notar o tal poderio e o espaço já conquistado por ele na época (COZER, 2015). Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1602428-poema-desconhecido-que-machado-deassis-escreveu-aos-17-anos-e-descoberto.shtml>> Acesso em: 18 de junho.

A crítica machadiana, então, uma reunião de textos dedicados a literatura em prosa, poesia, teatro e arte em geral, é, concluí-se, altamente intervencionista. E em *O ideal do crítico*, de 1865, tem seu manifesto. É lá que Machado traz, literalmente, seus entendimentos do que deve representar, em totalidade, uma boa crítica. Faz referência aos "incompetentes" que naquele tempo tratam da crítica literária, previne dos perigos de ser essa crítica "estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade", e crava, atribuindo à falta de uma boa crítica, que "qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um verdadeiro talento" (ASSIS, 1865). Para Machado de Assis, é necessário que o crítico se pautem pela "ciência e a consciência", não baseie "suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia", defenda sua convicção, "e a convicção deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas", diga a verdade "acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções", seja "verdadeiramente consciencioso" e "independente em tudo e de tudo", mas também tolerante "mesmo nos terrenos das diferenças de escola", imparcial, "contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários", moderado e urbano, porque "uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir" e, no dever de sua profissão, persistente a "procurar o espírito de um livro, descarná-lo, aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma" (ASSIS, 1856). É assim, num ligeiro panorama, que se baseia o ser crítico de Machado de Assis.

A função do jornal, “gérmen de uma revolução”

Pouco mais de nove meses antes da publicação de *A reforma pelo jornal*, em outubro de 1859, Machado de Assis assinou, também em *O Espelho*, artigo intitulado *O jornal e o livro*, no qual começa a dar indícios de sua crença no jornal como meio intervencionista. O crítico Machado de Assis, tão interessante quanto o autor, defende nesses dois textos sua convicção no papel do jornal como símbolo da república, aparato máximo de uma revolução do conhecimento. Tal leitura, comprovada por aspectos textuais, pode ser compreendida pelo então posicionamento de Machado; como admirador das luzes francesas, um inconcusso credor do papel transformador da educação.

O jornal representava, para Machado, a "alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo"¹⁰ e que o "espírito humano encontrou" (ASSIS, 1859a).

¹⁰ A história de Arquimedes, contada pelo escritor grego Plutarco, dá conta de que, ao utilizar-se de um ponto de apoio e um sistema de roldanas para mover uma nau de mais de 4.000 toneladas, Arquimedes teria dito: "Deem-me um ponto de apoio e uma alavanca e moverei a terra". (STRATHERN, 1999, p. 29)

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é também econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as formas do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social (ASSIS, 1859a).

Machado depositava no jornal, como faria, no futuro, com o teatro, a poesia, o conto, o romance e, mais firmemente, a crítica, sua esperança de intervenção. No momento da publicação dos dois artigos aqui tratados, evidencia-se, no jovem Machado, já de aspirações republicanas, opiniões contrárias à aristocracia, e claro, ao regime monárquico por aqui vigente. Impressiona, duplamente, pela clareza com que expõe suas ideias - duplamente porque já é digno de espanto que seja audacioso o suficiente para emitir tais juízos frente aos obstáculos característicos da época (regime monárquico e sociedade escravocrata), mas, principalmente, pela tenra lucidez que demonstra - em 1859 completa 20 anos.

Ao longo dos primeiros escritos de *O jornal e o livro* Machado traz à luz um conceito de narrativa que a ele parecia intrínseco às mais diversas formas de arte - noção que colabora, também, para que se compreenda a importância do papel do jornal em seus entendimentos. Faz menção à arte rupestre, à arquitetura e à imprensa relacionando-os à necessidade humana de propagar ideias - é tal efeito que atesta a consolidação da arte, em seus mais diversos meios, como único instrumento capaz de tornar narráveis as aflições humanas. “A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento” (ASSIS, 1859a). Machado, para concluir o raciocínio, põe o jornal, nesta missão de propagar e contar, a frente.

A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa [...]. O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções (ASSIS, 1859a).

Machado já nos deu, até aqui, três importantes fragmentos de noções com as quais vai trabalhar: o conhecimento, a narratividade da arte - e do jornal - e a propagação de ideias. O raciocínio do Machado crítico de *O jornal e o livro*, fincado na importância conjunta do trio, passa, nominalmente, por Egito, Grécia e Roma, invade a Idade Média,

avança até a imprensa de Gutemberg, ovaciona o livro, e chega, como quem alcança o fim de uma epopeia, ao jornal¹¹. Para ele o jornal é a representação do diálogo. Ao contrário da pedra, do prédio e do livro, que são estáticos e representam o monólogo, o jornal proporia o debate, poria em cheque as verdades absolutas. É a revolução tupiniquim que se apresenta. A monarquia cairá pelas páginas do jornal. "Completa-se a emancipação da inteligência e começa a dos povos. O direito da força, o direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas vai cair." (ASSIS, 1859a).

Era forte, portanto, a convicção machadiana que o jornal representava um pórtico completo de revolução. Era, como já se viu por ele mesmo, num só meio, a revolução literária, a econômica e a social. "O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta." (ASSIS, 1859a). Cada justificativa de revolução apresentada por ele, seja no âmbito literário, no econômico ou no social, faz ver, acima de tudo, a análise em relação ao potencial do jornal e, mesmo que indiretamente, do jornalismo. "Crítica é análise" (ASSIS, 1865), como se sabe. Diz, sobre o que vê de revolução literária:

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses pólos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo. (ASSIS, 1859a)

Machado completa, ainda comparando-o à literatura, que o jornal "é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos", onde se reflete a ideia não de um homem, "mas a ideia popular" (ASSIS, 1859a). Como em sua atuação crítica, Machado queria ver, no jornal, transformação. Queria que funcionasse para o povo, como ele Machado propunha, em seu trabalho crítico, funcionar para as artes - como ferramenta de intervenção; um guia.

Quanto à revolução social, outro dos avanços do jornal segundo a crítica machadiana, o meio representa "uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal" que ele define como "nivelamento das classes sociais" e "democracia prática pela inteligência" (ASSIS, 1859a). São os homens de letras, outrora reféns do talento e da ausência de espaço para publicar, que agora, no jornal, encontram um palanque. Está clara, então, a representatividade do jornal no contexto de intervenção

¹¹ Machado relaciona as conquistas arquitetônicas de Egito, Grécia e Roma, passando pela catedral, o "apogeu da Idade Média", a imprensa de Gutemberg e o livro, como um avanço na construção de um meio para propagar ideias, "revolução completa" (ASSIS, 1859a), até desembarcar, por conseguinte de evolução, no jornal.

trabalhado na crítica machadiana. O meio, "aperfeiçoado e desenvolvido" (ASSIS, 1859a) no século XIX, tem missão, implícita, de ser mais que replicador; o jornal deve ser, enfatiza-se uma vez mais, ferramenta dessas revoluções.

Em relação ao movimento econômico, nos quais são ainda mais audaciosos os entendimentos de Machado, é que o jornalismo tem ainda maior relevância. Diz:

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da ideia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, grande *monetização da ideia*, como diz um escritor moderno. (ASSIS, 1859a)

Os mais atentos profissionais de imprensa certamente percebem, neste trecho, posição clara frente a noções ainda hoje discutidas; como o valor do jornal e do jornalismo e sua missão filosófica. É a construção argumentativa de Machado, anterior à conclusão apresentada, que torna sua posição ainda mais consistente. Para a aplicação do conceito de crédito, aqui entendido não como uma relação de solvabilidade, mas como confiança e fé, desenvolve noções de comércio, dinheiro e até indústria. O que se vê nas linhas predecessoras é um discurso construtor em torno deste conceito, relacionando-o e historicizando-o à aspectos característicos da evolução do sistema financeiro humano, dando, portanto, valor ao entendimento, aplicando-o ao jornalismo e ao jornal. Segue assim o seu raciocínio: "O crédito assenta a sua base sobre esta engenhosa produção do espírito humano." (ASSIS, 1859a) – o jornal.

Já há, até aqui, elementos suficientes para compreender quais eram as expectativas de Machado em relação ao jornal e seu papel social. O que se vê em *A reforma pelo jornal*, porém, é de nos deixar em polvorosa. O raciocínio de *O jornal e o livro* continua e avança em ação, embora o texto, em extensão, seja muito menor. Começa assim:

Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las quando um século despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava. Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade [...]. O jornal que tende à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações. (ASSIS, 1859b)

O teor já é diferente. Já não há sensação de potencial a ser desenvolvido. O que há, agora, é ação. O título, *A reforma pelo jornal*, dá de antemão muitos indícios do que se verá no artigo. E nele Machado traça seu caminho argumentativo em torno da palavra. Utiliza-se,

inclusive, da "palavra de Deus", predecessora, segundo os hebreus, à criação da luz, no que ele chama de "lenda de *Gênesis*" (ASSIS, 1859b). Faz crescer, em torno dela, toda a discussão presente no texto porque escancara-a, na história da humanidade, passando por Moisés, Demóstenes, Cristo, Huss e Mirabeau¹², como o "gérmen" de uma possível revolução; é, como diz, "a origem de todas as reformas" (ASSIS, 1859a).

Outro importante preceito do jornal, para Machado, é a discussão. Embora tivesse passado por esta característica no primeiro artigo de que tratamos, o crítico ainda não havia colocado o conceito com o mesmo peso com que faz dessa vez. O que se percebe é que deposita no jornal a responsabilidade, ainda que indireta, de fazer mexer as mais diversas camadas sociais. Naquele momento, é claro, o que esperava é que caísse a monarquia, e levantasse a república¹³. Mas o que faz parecer, na verdade, é que deva ser, o jornal, capaz de revolucionar o que a sociedade julgar que necessite de revolução: "Tremem, pois, tremem com este invento que parece abranger os séculos - e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares" (ASSIS, 1859b).

O que parece, ao ter-se contato com esses tratamentos machadianos, é que se estuda relato escrito no último mês ou ano. Não é demais recordar, a despeito disso, de que estamos analisando material de 1859, de um garoto Machado de Assis de apenas 20 anos. Há que se relevar, é verdade, tal delize; a característica que nos leva a ele é a relevância e a contemporaneidade do estudo. Na sequência, diz Machado: "E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão de sua liberdade" (ASSIS, 1859b). Não será necessário, neste caso, que se discorra sobre os motivos e as causas da censura na imprensa brasileira – mas apenas que se diga, com destaque, que Machado já previra isso também.

Mas como! cortar as asas de águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as proibidades cívicas. (ASSIS, 1859b)

¹² As histórias a que Machado faz referência, nesta passagem, tratam de Moisés, líder religioso, legislador e profeta hebreu, de Demóstenes, orador e político grego, Cristo, figura central do cristianismo, propagador da palavra de Deus, Huss, escritor e filósofo, um dos propagadores do movimento protestante e Mirabeau, escritor, político e ativista da Revolução Francesa; todas elas com forte relação com a palavra e seu poder de convencimento.

¹³ Machado não esconde seu posicionamento político. Ao contrário, escancara-o. Tratando da Revolução Francesa, diz: "O que era a Revolução Francesa senão a ideia que se fazia república, o espírito humano tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo? Se o pensamento se fazia liberal é que tomava a sua verdadeira face. A humanidade, antes de tudo, é republicana. (ASSIS, 1859^o)"

"Um cometimento parvo", ele diz não sem desculpar-se ante ao suposto insulto. Engana-se quem o tira por ingênuo. Machado faz questão de alertar que embora procedam estas ideias já expostas, "o jornal aqui não está à altura da sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo. Cortesia fina em abono da verdade" (ASSIS, 1859b). O último elo jornalístico, assumamos, a tal cortesia fina em abono da verdade, é que pesa, ainda hoje, para que o jornal e o jornalismo não atinjam o que para eles Machado definiu. Mas seu texto não acabaria assim. Há, como vimos, aquele intento interventor da crítica machadiana. Então diz:

"Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade. Há um pólo atraente e fases a atravessar. - Cumpre vencer o caminho a todo custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir". (ASSIS, 1859b)

É a palavra, como a que invocou de Deus, que mantém a esperança em Machado: "O verbo é a origem de todas as reformas" (ASSIS, 1859b). É intervenção. Mas ainda há fases a atravessar.

"A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa." (ASSIS, 1859b)

"O jornal devorará o livro"

Nos entendimentos machadianos a respeito do jornal há outra categórica afirmação: "o jornal devorará o livro? [...] não repugno admiti-lo" (ASSIS, 1859a). Esta convicção, mais uma vez de discussão absolutamente contemporânea, é construída fundamentalmente nos conceitos machadianos de que tratam o jornal por representante, além de econômica e social, de uma revolução também literária - como se viu mais acima. O raciocínio machadiano que se ocupa de relacionar jornal e literatura traça caminho, até posicionar-se pela superioridade do primeiro, através do que o crítico entende por necessidade humana pelo movimento.

"O livro não está decerto nessas condições; - há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem

necessidade de discussão, porque a discussão é - movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo." (ASSIS, 1859a)

Machado esperava que o jornal fosse capaz de suplantar o livro e a vontade humana de consumi-lo. Sua certeza - porque não fugiu admitir posição - era forçosamente dedutiva, já que vinha traçando, como se viu no decorrer deste estudo, diversos pontos em que o jornal se mostrava, em sua visão, superior aos outros meios em que o ser humano decidiu contar e propagar suas histórias e impressões. A admissão machadiana que o jornal seria capaz de nulificar o livro se dá por essa superioridade em acalentar o espírito humano - sedento por movimento. Machado conclui pela superioridade do jornal, embora tenha admitido faltarem evoluções para que se alcance seu modelo ideal, porque espera dele uma completa rede de possibilidades que, a seu ver, não podem ser correspondidas pelo livro. O jornal não era só superior ao livro, não era só um catalisador duma revolução ou simples ferramenta; era a ferramenta derradeira, a própria revolução que se faria erguer. "Ora, parece claro que, se este grande molde do pensamento corresponde à ideia econômica como à ideia social e literária, - é a forma que convém mais que nenhuma outra ao espírito humano." (ASSIS, 1859a). O jornal representava a discussão. A promessa diária de uma dose de conhecimento. O movimento que o livro, a pedra, ou a catedral (alusão feita à arquitetura) jamais poderiam oferecer: discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *status quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade. (ASSIS, 1859a).

É preciso que se diga, entretanto, que os estudos machadianos não foram extremistas - nem em sua literatura (porque admitia receber e utilizar de tudo um pouco; independente de escola literária, a ele interessava o que era bom¹⁴), nem em sua crítica, porque sabia enxergar possibilidades. A sua convicção de superioridade do jornal não lhe impedia enxergar espaço para o livro. "Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo". (ASSIS, 1859a). Se ainda há

¹⁴ Machado de Assis, embora seja comumente caracterizado como escritor realista (mesmo embora, em algumas obras, tenha rechaçado o movimento), não pode ser apreendido por uma simples categorização. O próprio Machado, em seus escritos, faz entender que para ele, o que importa, é ser o texto de boa qualidade. É o que se vê, circunscrito, num pequeno trecho de *A nova geração*. Segue : "Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição. (ASSIS, 1879)

espaço para arquitetura, projeta seu raciocínio, haverá de encontrar, o livro, também, o seu lugar. A superioridade de um em relação a outro não é gratuita. Para Machado, "são as circunstâncias, são as tendências dos povos", o que ele chama de "profecia dos fatos" (ASSIS, 1859a). É como se o jornal fosse superior aos outros meios, nesta missão de contar e interferir (e nisso ganha-se elogiosos cumprimentos ao jornalismo, porque fazia relação a seu papel social) porque a humanidade tem necessidade que seja assim. Não a toa por aqui demos-lhe o carinhoso apelido de "o quarto poder".

Considerações finais

A percepção do jovem Machado em relação ao jornal, concepção com a qual este estudo corrobora, traça seu caminho num raciocínio firme e atuante. Suas análises, que podem ser contemporaneamente atribuídas também ao jornalismo, fazem crer, de *O jornal e o livro* (1859a) e *A reforma pelo jornal* (1859b) que Machado, como se viu, enxergava no meio um modo de disseminação do conhecimento. O grande avanço machadiano, quando visto por olhos jornalísticos, é essa crença que se encontra inerente às críticas. Todo profissional de imprensa, veterano ou calouro, sonha em interferir. Fazer pensar os seus leitores, ouvintes ou telespectadores. Ser ativo pelas mudanças que seu país precisa e ser, também, disseminador do conhecimento. É este o sonho de um jornalista ainda quente pela paixão da profissão. A conclusão de Machado quanto a superioridade do jornal em relação ao livro diz muito sobre isso. Não é de se supor, no imaginário popular machadiano, que o escritor – como o conhecem aqueles que não se dedicam a estudá-lo, tenha deferido por essa superioridade, mas sua posição, firme, embora realista em ressalvas, representa, para o jornalismo, um banho de ânimo.

O espírito machadiano, do crítico, do interventor Machado de Assis, é o que todo jornalista deve ter em si, ou, ao menos, quando fadigado, almejar recuperar. O profissional que hoje atua nas redações brasileiras não pode se esquecer desse espírito, embora pareça, às vezes, nem ao menos conhecê-lo. No *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, de Bruno Pucci (Org.), há passagem que embora não trate nem de Machado, nem de jornal, faz entender um tanto o motivo de o veículo não ter correspondido, ao todo, o que planejou para ele Machado de Assis. Diz assim:

É de estarrecer a constatação de que atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos é justamente a reprodução da miséria e da barbárie. Possuímos o aparato técnico que nos capacita atingir finalmente a tão sonhada e prometida

liberdade, porém nos acostumamos cada vez mais com a perene reprodução das necessidades. (PUCCI, 2000, p. 45)

O subcapítulo no qual está a citação supracitada carrega o título de "A dialética do esclarecimento: o progresso na barbárie, a barbárie no progresso". E só pode ser mesmo a barbárie no progresso a explicar o que acontece com o jornal. O que era permitido fazer, à época dos textos críticos machadianos, prever o que poderia ser o jornal em um período mais maduro, Machado fez. Enxergar nele todo o potencial revolucionário e já traçar, em pequenos vestígios, linhas de um pensamento crítico jornalístico.

O jovem Machado não atentou-se, há que se dizer, que a sociedade sua, contemporânea à ele, não seria capaz de operar esta tal revolução pelas páginas do jornal porque, como se sabe, o analfabetismo, claro, estava presente em números alarmantes – e por diversos motivos; não nos esqueçamos do período de relações escravocratas do qual estamos tratando. O que não diminui em nada o ganho, talvez filosófico, que o crítico ergue ao jornal em referência à sua missão intervencionista e esclarecedora da realidade. Até porque, anos mais tarde, mais maduro, Machado chamaria a opinião pública, fazendo menção a 70% de analfabetos, de “metáfora sem base” (ASSIS, 1876). Os entendimentos de que Machado teria sido, em sua obra, omissos quanto a causas sociais já não se sustentam há um tempo. Análises sociológicas de seus textos são muitas. Este trabalho, e as conclusões que dele resultam, visam contribuir, um tanto mais, para que se consolide, e desta vez com direta relação com o jornal e o jornalismo, a visão de um Machado de Assis atuante.

Faz bem ressaltar, é verdade, que o crítico, com mais idade, perdeu (ele também) o entusiasmo pelo jornalismo. “Mais tarde, com a experiência adquirida na prática jornalística, ele atuou em outra frente”, já calejado pelo meio, cobrava “em nome da população a dívida democrática contraída pela imprensa” porque o jornalismo havia “privilegiado em seu certame noticioso os donos do poder e o sensacionalismo” em detrimento à seu papel disseminador (SILVA, 2005). O espírito do jovem Machado não poderia morrer, mas morreu.

Alguns pesquisadores e profissionais de redação contemporâneos, é bem verdade, propuseram ao jornalismo uma prática de atuação que caminha no sentido proposto pelo momento primeiro da crítica machadiana. É o que se chama “jornalismo de intervenção”. Há alguns textos sobre o tema já publicados.

Durante muito tempo, os profissionais da imprensa acreditaram que o noticiário era o seu produto principal e os leitores, os seus clientes. Mas a lógica econômica dos donos de jornais era outra: os verdadeiros clientes eram os anunciantes, que

garantiam as receitas; os leitores eram o produto comprado pelos anunciantes e o jornalismo não passava de uma ferramenta do marketing para fazer a ligação entre leitores e publicidade. (CASTILHO, 2014).

O estudo de Castilho, publicado no portal *Observatório da Imprensa*, trata de publicidade nativa, uma modalidade em que o texto publicitário vem, no jornal, “disfarçado” de jornalístico, com mesma estrutura e diagramação, destacando-se por um aviso, normalmente discreto, de que aquilo é, na verdade, um anúncio publicitário. A prática, já comum no mercado jornalístico dos Estados Unidos, tem projeção de movimentar, em 2017, algo em torno de 4,6 bilhões de dólares, e já foi incorporada a grandes jornais estadunidenses como *The New York Times* e *The Wall Street Journal* (CASTILHO, 2014). Não que seja, é claro, de exclusividade norte-americana. “Os veículos brasileiros há muito tempo publicam material com aspecto jornalístico em páginas e até cadernos especiais sob o aviso “informe publicitário”” (MIOTO, 2015). Dados e assunto, claro, para outro estudo. Ou não. “Trazendo em si o gérmen de uma revolução” (ASSIS, 1859a). O jornalismo ainda está em dívida com a sociedade. Decepcionamos Machado de Assis; o jovem. O maduro já nos dava pouco crédito.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras. **Obras de Machado de Assis**. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>> Acesso em 20 junho 2015

_____. **Paulo Barreto**. Pseudônimo João do Rio. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 01 julho 2015

ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro**. Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente em O Espelho, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859

_____. **A reforma pelo jornal**. Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente em O Espelho, Rio de Janeiro, 23/10/1859

_____. **O ideal do crítico**. Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente no Diário do Rio de Janeiro, 08/10/1865

_____. **Notícia da atual literatura brasileira**. Instinto de nacionalidade. Texto Fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994. Publicado originalmente em O Novo Mundo, 24/03/1873

_____. **História de quinze dias**. Texto fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994. Publicado originalmente na Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, de 01/07/1876 a 01/01/1878

_____. **A nova geração.** Texto fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente na Revista Brasileira, vol.II, dezembro de 1879

CASTILHO, Carlos. **Publicidade que parece notícia.** Observatório da Imprensa. 14 novembro 2014. Acesso em 29 junho 2015

COZER, Raquel. **Poema desconhecido que Machado de Assis escreveu aos 17 anos é descoberto.** Folha de S. Paulo, 14 março 2015, Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1602428-poema-desconhecido-que-machado-de-assis-escreveu-aos-17-anos-e-descoberto.shtml>> Acesso em: 18 junho 2015

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, jornalista: o homem, o texto, o tempo.** Olho d'água, v. 1, n. 2, 2010.

MIOTO, Ricardo. **Alma à venda?** Revista de Jornalismo ESPM, nº 12, janeiro, fevereiro, março, 2015.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43 – 58, 2007

PUCCI, Bruno (Org.). **A dialética do esclarecimento: o progresso na barbárie, a barbárie no progresso** in Adorno: o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes. **Machado de Assis, crítico da imprensa: o jornal entre palmas e piparotes.** 2005. 152f. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005

STRATHERN, Paul. **Arquimedes e a alavanca em 90 minutos.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998

VANZELLA, Camila. **A saga dos jornalistas escritores.** Revista PJ:Br Jornalismo Brasileiro. 6ª ed. 2006. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6_d.htm> Acesso em 30 junho 2015